

Pelo fim da razão

João Cardoso de Castro¹

Não faz muito tempo que tenho me aproximado das obras do filósofo Martin Heidegger, alemão, falecido em 1976. É lugar comum um certo desconforto em relação à sua contribuição à filosofia sobretudo por conta de sua filiação ao Partido Nacional-Socialista, durante a ascensão do regime nazista na Alemanha dos anos 1930. De onde enxergo, descartar o vigor do pensamento heideggeriano por este motivo é o mesmo que jogar a água suja da banheira com criança e tudo. Parafraseando Oswaldo Giacóia, filósofo brasileiro: é urgente, hoje, pensar com Heidegger, mesmo que seja contra Heidegger. De qualquer modo, a questão que pretendo trazer à baila neste ensaio é a dificuldade que tenho encontrado, no âmbito acadêmico (cursos de graduação, majoritariamente), em discutir a filosofia de Heidegger. Por que tamanho deslocamento?

De pronto, penso que dois motivos concorrem de maneira fundamental: primeiro, o fato de que a contribuição do filósofo da Floresta Negra (Heidegger costumava se recolher em sua pequena cabana situada na região da Floresta Negra) não é de fácil acesso, nem mesmo para aqueles já acostumados ao exercício do pensamento. A formação de nossos estudantes, de um modo geral, é incapaz de lhes inculcar o pensamento crítico e as obras de Heidegger são assustadoramente complexas, sobretudo por conta da tentativa do autor de desbravar novos horizontes de compreensão, formulando um léxico inédito, livre das camadas de interpretação da história do pensamento. Segundo, porque, embora a questão que o motiva seja tão antiga quanto a própria filosofia - qual seja: o que é o ser? Ou ainda melhor, qual é o sentido do ser? - houve um *esquecimento* da importância de um questionamento dessa natureza nos dias de hoje. A ocupação e a dificuldade de refletir sobre o Ser não é nenhuma novidade. O próprio Platão já suspeitava que a filosofia desconhecia o que é pensado sob o termo "ser". "Escândalo e pasmo", diz Giacóia, "uma pedra de tropeço". Mas "como" e "por que" contornar estas dificuldades?

Deixarei o "como" para outra ocasião. Nos ocupemos aqui somente com o "porquê". Veja, existe um modo de compreender a realidade que vigora em nosso tempo. Uma forma específica de interpretar o mundo que se movimenta no interior de nossa cultura, de nossa época. E qual é esta forma? Resposta: toda a nossa interpretação do real está submetida à bitola da razão. A bem da verdade, o Ocidente é a "destinação" deste horizonte de sentido e interpretação do real desde a razão (instrumental), pois o Ocidente, segundo o filósofo Alexandre Cabral, é o lugar "produzido pelo homem norteador pela força da racionalidade". Mas não seria a razão o alicerce do progresso humano? Não é a razão, precisamente aquele elemento que nos distingue dos demais animais? Acontece que são poucos os que ainda acreditam no "poder" da razão para a resolução das querelas no mundo da vida. Em sua obra *Dialética do Esclarecimento*, os pensadores Adorno e Horkheimer, devidamente cientes sobre as atrocidades cometidas na Segunda Grande Guerra, escreveram: "no sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra, totalmente esclarecida, resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal". Tornou-se evidente que, a existência humana, quando regida pelo poder instrumental da razão, elevada à sua potência máxima, corre o risco de ser conduzida por uma "lógica pura", ou logística como denominou Heidegger,

¹ João Cardoso de Castro é filósofo, Doutor em Bioética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro [PPGBios] e professor do UNIFESO. E-mail: joaocardosodecastro@gmail.com

aplicada equivocada e maquinalmente. Portanto, uma existência incapaz de se colocar à escuta de algo "mais", resultando em argumentos absurdos como as justificativas que se davam para um holocausto medonho ou experimentos científicos descabidos.

Creio que agora, temos melhores condições de responder nossa questão motora. Não seria exagero dizer que a recolocação da questão do sentido do Ser, em Heidegger, é um esforço radical para descrever as possibilidades de uma nova abordagem para a interpretação da realidade, não mais submissa ao crivo da razão, mas de um pensar meditativo, livre. Para Heidegger, o pensamento que medita é um tipo de agir, amadurecido, elevado. Este pensar, nos diz Giacóia, **age enquanto se exerce como pensar**, afinal, "a desfiguração do pensar e o abuso do pensamento desfigurado só poderão ser superados por um pensar autêntico e originário, e por nada mais" diz Heidegger.

Para Ananda Coomaraswamy, filósofo ceilonês, nós, homens modernos, estamos imersos no "reino da quantidade". Existe, em nosso tempo, uma mentalidade dominante e totalitária, que interpreta o "mundo" à luz da "medida", ou seja, à luz da *razão*. Razão, vem do termo *ratio*, que em latim significa **medida**. Deste modo, é comum que se reduza tudo o que há ao "quantitativo". Não há nada além do que possa ser medido, mensurado. Qualquer coisa que escape à razão instrumental, simplesmente não existe e, portanto, não é digno de ser pensado. Esta concepção faz com que o discurso sobre o *sentido do ser* não tenha qualquer sentido. E por este motivo a civilização Ocidental, inteiramente calcada na mentalidade tecnocientífica, e cuja única ocupação é formar o profissional competente, conduziu o espírito a desenvolver-se como inteligência, que é a habilidade e a perícia no exame e cálculo de coisas dadas com vistas a um possível uso. Uma pequena incursão nos currículos acadêmicos comprova o que digo. No afã de atender um mercado obtuso, sedento pelo tecnocrata capaz de "apertar o parafuso", esquecemos de tudo mais, ou seja, da formação do humano, ou ainda, do SER humano, para além de sua expertise técnica. Um equívoco cujos efeitos ainda nos surpreendem diante do caos em que chafurdamos.